



A polêmica sobre supostos “empréstimos” do Budismo ao Cristianismo e sua relevância para a fase inicial da Ciência da Religião institucionalizada

The polemics on alleged “borrowings” of Christianity from Buddhism and its relevance for the initial stage of institutionalized Science of Religion

Frank Usarski *

Resumo

Na segunda década do século XX iniciou-se um debate polêmico sobre a possibilidade de que fontes budistas tenham influenciado escrituras cristãs. Nas décadas seguintes, o assunto tornou-se um tópico intensamente debatido em círculos acadêmicos da época, mas a controversa se acalmou ainda antes da Primeira Guerra Mundial. O presente artigo oferece um resumo sistemático do debate em questão e possibilita a hipótese de que em dois sentidos a discussão era sintomática para os Estudos da Religião da época. Primeiro, o debate era expressão de um interesse comparativo nas religiões que começou a se articular ainda antes da institucionalização da Ciência da Religião em universidades europeias. Segundo, após a incorporação oficial da Ciência da Religião nos currículos acadêmicos, as conquistas teóricas e instrumentais no âmbito da disciplina sensibilizaram para o caráter especulativo dos argumentos a favor da chamada “hipótese da dependência” e contribuíram para o declínio da discussão sobre supostos “empréstimos” do Budismo ao Cristianismo.

Palavras-chave: Fontes budistas. Textos cristãos. Estudos Comparados da Religião. História da Ciência da Religião.

Abstract

The second half of the 20th century witnessed the upswing of a polemic debate about the possibility that Buddhist sources may have influenced Christian scriptures. For the next decades, the issue became an intensely debated topic within certain academic circles, until the controversy lost its momentum before World War I. The present article offers an overview of the debate and argues that the controversy was in a twofold sense symptomatic for Religious Studies in the time under investigation. Firstly, the debate was an expression of the comparative impetus, which became prominent even before its institutionalization in European universities. Secondly, after the official incorporation of Religious Studies into the academic curriculum, the discipline’s theoretical and instrumental conquests shed a light on the speculative character of the arguments in favor of the so called “dependency-hypothesis” and contributed to the decline of the debate about the possibility that Christian scriptures could have borrowed material from Buddhist sources.

Keywords: Buddhists sources. Christian scriptures. Comparative Religion. History of Science of Religion.

Artigo recebido em 26 de maio de 2013 e aprovado em 08 de agosto de 2013.

* Livre-docente (PUC-SP, 2009). Doutor em Ciência da Religião. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. País de origem: Alemanha. E-mail: usarski@pucsp.br

Introdução

Do ponto de vista da Ciência da Religião, a segunda parte do século XIX foi uma época decisiva. No decorrer das décadas em questão a disciplina amadureceu consideravelmente e finalmente ganhou o status oficial nas universidades europeias. No mesmo período uma parte do mundo acadêmico foi envolvida em uma polêmica sobre supostos “empréstimos” do Budismo ao Cristianismo.

A reconstrução dessa discussão – tarefa do presente artigo – contribui para o conhecimento mais detalhado da fase inicial da Ciência da Religião como disciplina universitária institucionalizada. Em prol de identificar os pontos chave nesse sentido o leitor é convidado a acompanhar um levantamento detalhado de dados relacionados ao debate sobre um possível impacto de fontes budistas sobre o Cristianismo.¹

Recapitulação do debate sobre um possível impacto de fontes budistas sobre o Cristianismo

1 Datação, caráter geral e estrutura temática do debate

Por cerca de 50 anos, entre os séculos XIX ao XX, estabeleceu-se, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, especialmente na Alemanha, uma disputa sobre possíveis “empréstimos” do Budismo ao Cristianismo, ou seja, sobre a suspeita de que determinados elementos da tradição cristã, inclusive trechos do Novo Testamento, tivessem sido “copiado” de antigas fontes budistas. Logo, o debate se expandiu incluindo assuntos como a questão sobre semelhanças entre doutrinas e instituições budistas e cristãs. Ao mesmo tempo, conforme os levantamentos de Held (1916) e Haas (1922), a discussão transcendeu as limitações

¹ Quase todas as fontes consultadas são de língua inglesa ou alemã. Para facilitar a leitura, as citações dessas obras foram traduzidas para o português pelo autor do presente artigo.

da literatura acadêmica o que fez com que além de diversos livros e inúmeros artigos em periódicos científicos no senso estrito, temas afins fossem abordados em jornais, revistas e palestras acessíveis para o público geral. Desta forma, surgiram perguntas associadas à relativização da tradicional passagem bíblica sobre a “revelação” ou “inspiração”, questões diretamente associadas a convicções religiosas tradicionais cujas relativizações não apenas atingiram as camadas eruditas da época, mas também os “cristãos comuns”.

A publicidade e o caráter ideológico do debate sobre o possível “plágio” foram responsáveis pela vulgarização retórica da discussão. Argumentos sérios se misturaram com especulações pseudocientíficas. Às vezes, o raciocínio oscilou estilisticamente entre uma suposta linguagem acadêmica e uma polêmica maliciosa. O debate foi também estimulado pelos budistas alemães que organizaram reuniões para discutir a questão do “plágio” e lançaram publicações próprias sobre o tema. Não raramente, os budistas apropriavam-se desses encontros e textos específicos para justificar suas “novas” crenças em um contexto cultural tradicionalmente influenciado pelo Cristianismo, argumentando que o serviço prestado pelo Budismo ao Cristianismo demonstraria que o primeiro seria a religião superior.

A recapitulação do debate sobre o possível “plágio” tem que levar em consideração a multidimensionalidade da discussão. O esquema a seguir reflete sua complexidade. Ao mesmo tempo, os segmentos do gráfico facilitam a contextualização sistemática dos diferentes problemas relacionados ao assunto.

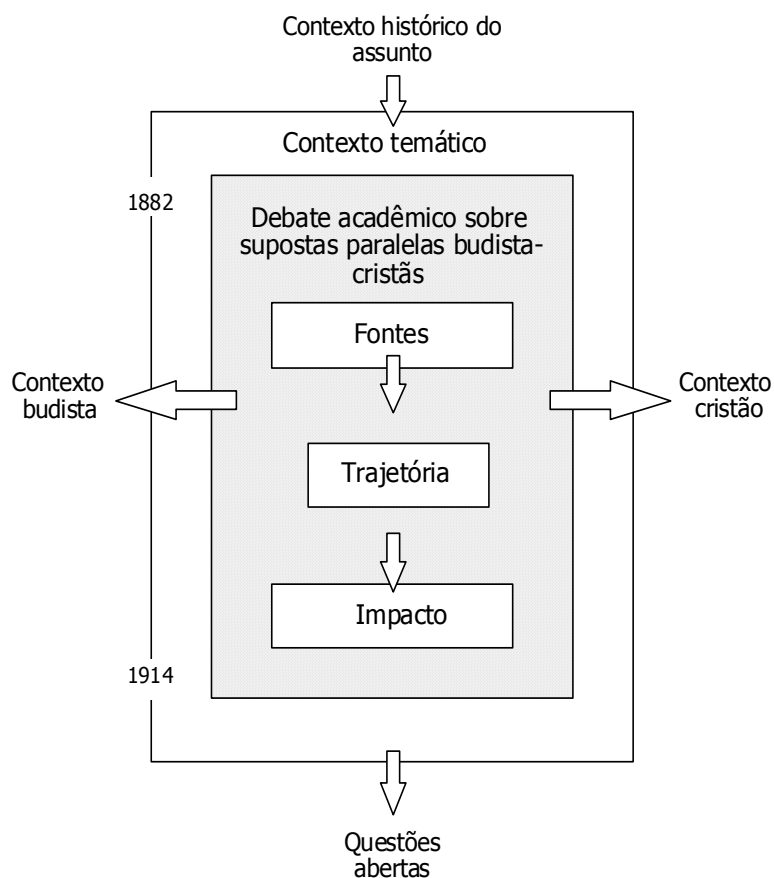


Gráfico 1

O quadrado central do gráfico intitulado *Debate acadêmico* referente às supostas *convergências budista-cristãs* aponta para a discussão acadêmica sobre o assunto no sentido estrito, ou seja, refere-se ao conjunto de argumentos, e suas réplicas, formulados em ambientes acadêmicos imediatamente relacionados à questão da dependência de textos bíblicos de fontes budistas. Dessa temática específica tem que se distinguirem discussões acadêmicas como a sobre a dependência entre trechos bíblicos e fontes parsis ou babilônicas, portanto discussões sobre assuntos análogos que representam o *horizonte temático* do problema do “plágio” no sentido estrito do termo.

A categoria *contexto histórico do assunto* aponta para o fato de que as controvérsias científicas sobre possíveis dependências de trechos bíblicos de fontes alheias tanto no sentido mais geral (contexto temático) quanto no sentido mais estrito (debate referente às supostas paralelas budista-cristãs) não caíram do céu, mas desenvolveram-se gradualmente conforme fatores que antecederam a discussão propriamente dita. Neste sentido as questões referentes à influência de escrituras sagradas de outras religiões sobre a Bíblia, sobretudo debatidas entre 1882 e 1914 refletem tendências teóricas gerais na época predominantes em disciplinas interessadas em assuntos afins. Por outro lado, a rubrica *questões abertas* indica que, embora a maioria dos problemas levantados no período tenha sido resolvida, há discordâncias sobre alguns detalhes temáticos até hoje.

Além disso, encontram-se no esquema mais dois campos indicando que o debate originalmente científico acabou repercutindo tanto em círculos budistas (*contexto budista*) quanto entre teólogos cristãos (*contexto cristão*) da época. Nesses contextos cotidianos foram discutidas hipóteses científicas, mas as últimas passavam pelo filtro “ideológico” do referente grupo cujos interesses religiosos correspondiam a uma inclinação ou – no caso dos budistas – em favor da hipótese da dependência ou – no caso de círculos cristãos – em desfavor da mesma.

2 Quadro cronológico do debate

Na literatura especializada há um consenso que o debate acadêmico sobre os paralelos entre textos budistas e cristãos foi inaugurado em 1882 por Rudolf Seydel (1835-1892), professor de filosofia da Universidade de Leipzig. Um olhar mais detalhado, porém, revela que já antes das afirmações relevantes de Seydel o tema foi abordado em outros trabalhos. Provavelmente as primeiras alusões encontram-se na *Preisschrift über die Grundlage der Moral* de Artur Schopenhauer ([1840] 2007). Entre os trabalhos posteriores ao de Schopenhauer e anterior ao de Seydel encontram-se o artigo *The Obligation of the New Testament to Buddhism* publicado em 1879 por um autor anônimo indicado por Clemen (1909, p. 5) e o

ensaio de Ernst Von Bunsen (1880) *The Angel Messiah of Buddhists, Essenes and Christians*. Todavia, enquanto as primeiras contribuições mencionam apenas de maneira passageira a possibilidade de uma dependência de trechos bíblicos de fontes budistas, foi o “mérito de Rudolf Seydel de ter abordado o tema conforme os padrões científicos.” (GARBE, 1914, p. 14).

Segundo essa avaliação, o debate propriamente dito começou em 1882, ano da publicação do livro *Das Evangelium Jesu in seinen Verhältnissen zur Buddha-Sage und Buddha-Lehre* [O Evangelho de Jesus em suas relações com a lenda e os ensinamentos de Buda] (Seydel, 1882) com o qual o autor chamou atenção do mundo acadêmico para o suposto impacto cultural da Índia sobre Palestina. Dois anos mais tarde, Seydel (1884) lançou um segundo trabalho intitulado *Die Buddha-Legende und das Leben Jesu nach den Evangelien. Erneute Prüfung ihres gegenseitigen Verhältnisses* [A Lenda de Buda e a Vida de Jesus segundo os Evangelhos. Novo exame de suas relações mútuas]. Ambos os livros provocaram reações veementes. Conforme um teólogo holandês renomado da época: “Uma verdadeira corrente de críticos se desembocou sobre estas obras.” (EYSINGA, 1904, p. 4).

Enquanto o ano 1882 simboliza o início do debate, o ano 1914 - segunda data mencionada na margem direita do esquema apresentado mais acima - indica o momento em que o debate tinha ultrapassado seu auge e quase totalmente acamado. Expressão paradigmática dessa situação de saturação é a obra *Indien und das Christentum. Eine Untersuchung der religionsgeschichtlichen Zusammenhänge* [Índia e o Cristianismo. Uma análise das suas conexões histórico-religiosas] de R.Garbe (1914).

O livro ofereceu uma síntese da discussão sobre o assunto no sentido de um levantamento crítico dos *pros* e *contras* das respostas dadas desde 1882 às questões debatidas no decorrer das respectivas décadas. Comparada com as contribuições de outros autores até então publicadas, a obra de Garbe destacava-se

tanto pela densidade substancial quanto por pela imparcialidade da sua abordagem. O mérito de Garbe reflete-se também nas resenhas positivas do seu trabalho. Karl Seidenstücker (1919), por exemplo, elogiou a organização cuidadosa do material e a atitude científica com a qual seu colega tinha tratado um assunto tão polêmico. Reações desse tipo não se limitavam a manifestações imediatas de autores contemporâneos. Ernst Benz afirmou em 1951 a respeito do debate sobre supostos empréstimos do Budismo ao Cristianismo: “Até hoje a obra científica mais importante é o livro de Richard Garbe.” (BENZ, 1951, p. 5). Quase 30 anos mais tarde, Halbfass (1979, p. 248) citou a publicação *Indien und das Christentum* afirmando que Garbe colocou ponto final à disputa substancialmente confusa e exageradamente emocional.

Para evitar um mal-entendimento, vale a pena destacar que embora a obra de Garbe represente uma marca simbólica no decorrer do debate, o último não se encerrou completamente em 1914. Em vez disso, alguns autores mantiveram seu interesse em assuntos afins e voltaram a se pronunciar depois da Primeira Guerra Mundial. Um deles foi o teólogo Hans Haas, professor catedrático de História das Religiões na Universidade de Leipzig, desde 1915, cujo livro '*Das Scherflein der Witwe' und seine Entsprechung im Tripitaka* [*O óbolo da viúva' e sua equivalência no Tripitaka*] (1922), retomou a questão da relação entre trechos bíblicos e fontes antigas do Budismo, que desta vez esteve delimitada à questão se a parábola no Evangelho de Marcos (12, 41-44) se orienta em uma narrativa mais antiga encontrada em um determinado sutra budista.

Exatamente dez anos depois de Haas, H. W. Schomerus (1932) publicou um artigo referente ao debate defendendo a hipótese de que o estudo científico sobre temas afins estava chegando ao seu fim definitivo. Finalmente, em 1982, Norbert Klatt apresentou o trabalho "*Literarkritische Beiträge zum Problem christlich--buddhistischer Parallelen*" (*Contribuição da crítica literária para o problema de paralelos budista-cristãos*) indicando que embora o debate tenha ultrapassado seu auge há muito tempo, restavam ainda alguns problemas não resolvidos relacionados ao campo em questão. Para o autor, trata-se de um tema “atualmente

[...] quase totalmente ignorado pelas ciências bíblicas” (KLATT, 1982, p. 1). Apesar disso Klatt concorda com a opinião de Halbfass de que “detalhes como a história do julgamento de Salomão, a narrativa sobre Jesus andando sobre a água, o rosário ou a auréola ainda valem uma reflexão sobre suas possíveis origens hindus.” (HALBFASS, 1979, p. 248).

3 O contexto histórico do debate

Como indicado, o debate em torno da expressão do problema do possível “plágio” foi expressão de tendências gerais na área do conhecimento acadêmico da época. Essas propensões tinham a ver com a valorização da história com uma disciplina referencial multidisciplinar, ou seja, com o domínio do pensamento histórico em todas as esferas culturais, um consenso associado à ascensão de uma corrente intelectual crítica à idéia de que as áreas sociais se desenvolveriam conforme princípios pré-definidos e invariáveis de razão. Em oposição a essa visão, pensadores “progressistas”, na segunda metade do século XIX, estavam convictos que “todos os fenômenos culturais devem ser entendidos, analisados e explicados como históricos.” (SCHNÄDELBACH 1983, p. 53) Para esta polêmica específica foi decisivo que a abordagem pragmática da história propagada pelo iluminismo e seu interesse pelo passado como algo supostamente estático tinha entrado em crise. Em vez disso impôs-se - em recurso ao idealismo alemão - a visão genética da história. Sob a influência desse paradigma, começou a se impor, na teologia luterana uma nova geração cuja conseqüente perspectiva histórica ganhou, nos anos 80 do século XIX uma forma concreta na chamada *Escola da História da Religião* [Religionsgeschichtliche Schule]). Esta comunidade científica tinha como objetivo “investigar a Bíblia no quadro da história da religião em geral e chegar a uma melhor compreensão do desenvolvimento histórico e do principal caráter da religião bíblica”. (ITTEL, 1956, p. 7).

Uma das consequências da consolidação da *Escola da História da Religião* foi que na Alemanha a Teologia assumiu tarefas que em outros países europeus eram exercidas pela Ciência da Religião. Enquanto, por exemplo, na Suíça, nos Países Baixos e na França foram inauguradas cátedras em Ciência da Religião a partir dos anos 70 do século XIX, o mesmo aconteceu na Alemanha somente em 1910, em Berlin, onde foi estabelecida a primeira cátedra para a “História geral da Religião e a Filosofia da Religião”. Segundo Karl-Heinz Kohl:

Uma das razões responsáveis pelo atraso da constituição da Ciência da Religião como uma disciplina universitária foi o fato de que, sobretudo a teologia liberal protestante apropriou-se de assuntos e problemas [fora da Alemanha] assumidos pela Ciência da Religião. (KOHLE, 1988, p. 250).

Devido a esse atraso, o debate sobre o problema do suposto “plágio” na Alemanha alimentou-se da Ciência da Religião apenas de maneira indireta no sentido de que os resultados produzidos no exterior repercutiram em um movimento intelectual cujos representantes (filósofos, arqueólogos e filólogos, além dos teólogos associados à *Escola da História da Religião*) se nortearam em ideais e métodos posteriormente incorporados pela Ciência da Religião alemã.

Outros impulsos para o debate sobre o problema do “plágio” vieram dos estudos budológicos. Quanto à Alemanha, avalia-se que os dois volumes da obra de Carl Friedrich Köppen (1857 e 1859) intitulada *Die Religion des Buddha und ihre Entstehung* (A religião do Buda e sua gênese) foram de extrema importância para a discussão sobre a relação entre textos budistas e bíblicos. Köppen era integrante de uma geração de pesquisadores particularmente inspirados pela tendência de analisar seus objetos a partir de um olhar explicitamente histórico. Essa abordagem tinha se fortalecido desde os anos 30 do século XIX superando o paradigma anterior caracterizado por uma leitura metafórica de figuras religiosas sugerindo que Buda fosse ou a versão indiana da mesma personagem identificado em outras culturas como Mercúrio, Wotan, Hermes, Apollo ou Osíris, ou um símbolo antropomorfo da natureza ou, mais especificamente, do sol. Esse esquema de interpretação foi questionado na medida em que se impôs à convicção de que as

narrativas sobre Buda refletem fatos relacionados a um personagem tão real como “outras personalidades claramente históricas – como Mohamed, Lutero e, é claro, Jesus”. (ALMOND, 1986, p. 319).

Além dos aspectos acima mencionados, outros elementos contribuíram direta ou indiretamente para a discussão sobre a relação entre fontes budistas e textos bíblicos. Se o objetivo desse ensaio fosse um levantamento completo do contexto histórico do debate no sentido estrito, ter-se-ia que levar em consideração detalhes mencionados por Schneemelcher (1990) relacionados à pesquisa sobre os evangelhos apócrifos intensificada na segunda metade do século XIX. O mesmo vale para observações de Schweitzer (1903) referente ao progresso na decodificação dos editos de rocha do imperador Ashoka em 1897 bem como ao crescente conhecimento dos hieróglifos egípcios bem como das escritas cuneiformes babilônicas, salientado por Kohl (1988, p. 243).

4 O horizonte temático do debate

A Escola da História da Religião, devido a sua concentração no ambiente do antigo Israel, não se mostrou muito interessada em um potencial papel da Índia para o intercâmbio com o Cristianismo. Mesmo assim, as suas pesquisas devem ser apreciadas como constituintes da rubrica “horizonte temático” uma vez que abordam um grande espectro de interdependências culturais não apenas contemplando a importância do judaísmo e do helenismo, mas também o significado dos babilônicos, persas e egípcios. O vasto material elaborado pelos integrantes da *escola* chamou atenção para a possibilidade de que qualquer texto considerado sagrado e original por uma determinada comunidade, inclusive a cristã, pode ter incorporado elementos de fontes alheias e antecedentes da própria tradição.

Não demorou muito para que a discussão sobre assuntos afins ultrapassasse os limites das sociedades acadêmicas envolvidas e foi retomada por um público

maior. O seguinte exemplo é sintomático para a situação de então.

Em 13 de janeiro de 1902, o assiriólogo Franz Delitzsch abordou em uma palestra intitulada “Babel e a Bíblia” o problema se, e si sim, até que grau, elementos culturais oriundos da Assíria tinham influenciado determinados conteúdos geralmente considerados característicos para o Judaísmo. A conferência era uma atividade da *Sociedade Alemã do Oriente* (Deutsche Orient-Gesellschaft), uma associação científica, sobretudo dedicada à pesquisa sobre as culturas da Babilônia e da Assíria. Na busca de um apoio financeiro pelo Governo alemão, os responsáveis tinham convidado o Imperador Guilherme II que tinha respondido positivamente e estava, junto com sua esposa, na platéia. O chefe de estado assistiu o esboço de Delitzsch sobre o atual estado de pesquisa sobre a Assíria com interesse, inclusive a parte em que o palestrante ilustrou o impacto da cultura babilônica sobre o Judaísmo. Entre outros elementos, Delitzsch citou o calendário judaico, segmentos do sistema jurídico, a idéia do sábado, conceitos escatológicos bem como as narrativas sobre a criação e o Dilúvio. Não demorou muito tempo para que o tema começasse “devido a uma seqüência infeliz de circunstâncias [...] a repercutir no grande público.” (KAFTAN 1903, p.3). O eco foi intenso e Delitzsch, ele mesmo criado em uma “família ortodoxo-luterana rigorosa” (DELITZSCH, 1903, p. 42), tornou-se alvo de fortes críticas. Em sua defesa reforçou não ter questionado a validade do Antigo Testamento. Segundo Ebach (1986, p. 30) a única intenção de Delitzsch teria sido contextualizar a Bíblia do ponto de vista histórico baseado nos conhecimentos da Assiriologia. A argumentação, porém, era incapaz de contrabalançar a acusação pública de que Delitzsch teria questionado a originalidade da tradição judaico-cristã. Segundo Hornburg, pastor luterano na cidade de Stralsund:

O protesto sobre as palestras, no decorrer das quais o Professor Delitzsch negou a revelação divina reduzindo o Antigo Testamento à influência de idéias babilônicas, repercutiu em toda a Alemanha luterana e até mesmo em círculos [...], nos quais não se presumia um interesse mais profundo por questões religiosas. (HORNBURG, 1903, p. 3).

5 Aspectos substanciais do debate

5.1 A suposta dependência de motivos, símbolos e dogmas bíblicos

Dentro do espectro temático mais amplo, os participantes do debate chamavam, sobretudo, atenção para motivos, símbolos e dogmas bíblicos supostamente dependentes de fontes budistas. Rudolf Seydel suspeitou 51 elementos cristãos como possíveis resultados de um processo de “plágio”. Publicações posteriores às obras de Seydel aproximaram-se do assunto de maneira mais cuidadosa apostando em um número menor de trechos possivelmente “copiados”. Todavia, uma vez que cada pesquisador apresentou sua seleção particular de possíveis trechos “plagiados”, a quantidade dos paralelos em discussão ficou quase inalterada por um bom tempo. Conforme Kappstein, dependendo da preferência individual de cada autor para uma ou outra parte do Novo Testamento, foram citados - em combinação com outros elementos – temas como a concepção e o nascimento de Jesus, a reclusão no deserto e a tentação pelo diabo, o milagre de caminhar sobre a água, a relação da primeira comunidade cristã com seu ambiente predominantemente judaico (narrativas supostamente influenciadas por descrições de tensões entre Buda e a casta superior indiana dos brâmanes) ou caracterizações de alguns dos discípulos de Jesus que, como João (=Ananda) ou Judas (= Devadatta), demonstram supostas semelhanças com figuras famosas do cânone pali. Nesse espectro de temas bíblicos discutidos como possíveis plágios, alguns foram citados com mais frequência. Porém, nem todos os autores que participaram da discussão sobre paralelos entre esse tema e textos budistas análogos concordaram com a hipótese de que se trata realmente de um plágio. Um exemplo é a discordância a respeito da parábola do “óbolo da viúva”. Enquanto Haas (1922) argumentou em favor do postulado de plágio, Faber (1913, p.55-56), Lehmann (1911, p.88-90) e Garbe (1914, p.33-37) afirmaram que pelo menos nesse caso se tratava de uma narrativa autenticamente cristã.

Essas e outras divergências foram consequência de uma pesquisa cada vez mais rigorosa sobre assuntos afins. Quanto mais o debate avançou, mais trechos em questão foram identificados como paralelos no sentido estrito, ou seja, como temas simultaneamente elaborados nas duas religiões sem que o Budismo tivesse servido como modelo para o Cristianismo (e vice-versa).

Uma expressão sintomática desse progresso é a obra “Buddha und Jesus in ihren Paralleltexten” [“Buda e Jesus conforme seus textos paralelos”] publicada por Johann Baptist Aufhauser (1926). Segundo esse autor, depois de tantos anos de discussão, sobravam apenas cinco trechos sujeitos de suspeita de ser um “plágio”, a saber: os versículos no Evangelho de Lucas (2, 25-26) referentes a Simeão no templo; a narrativa sobre Jesus caminhando sobre a água, em Mateus (14, 22-33); a parábola do “óbolo da viúva” em Marcos (12, 41-42) e Lucas (21, 1-4); a parábola da “multiplicação dos pães” em Marcos (6, 35-44); e, finalmente, a narrativa de Marcos sobre a “tentação no deserto” (1, 12-13).

5.2 Outras narrativas da tradição ocidental sob suspeita de “plágio”

Além de trechos bíblicos, outros elementos da tradição cristã tornaram-se objetos de discussão sobre um possível papel modelar de fontes budistas. Os argumentos mais convincentes em favor da hipótese da dependência referiam-se à lenda sobre “A Vida de Barlaam e Josaphat”. A última é fruto de uma sintetização de várias fontes. No decorrer da Idade Média a versão latim começou a penetrar o mundo cristão. Atualmente, especialistas reconhecem-na unanimemente como uma narrativa de origem budista. Trata-se muito provavelmente de uma Biografia de Buda elaborada a partir do chamado Lalitavistara-Sutra, portanto de um texto associado ao Budismo Mayahana do Extremo Oriente, cuja versão reinterpretada em termos cristãos foi adotada no século VI ou VII pela tradição ocidental. Assume-se que o nome Barlaam é uma distorção do título de honra “Bhagavan” (“o Sublime” [= Buda]). Algo semelhante vale para Josaphat (na versão adotada o nome de um santo católico), que deve ser resultado de uma transmissão errada do

termo "Boddhisattva". Sob essas condições, a Cristandade da Idade Média familiarizou-se com figura de Josaphat inocentemente com elementos centrais da biografia de Buda uma vez que naquela lenda supostamente católica encontram-se diversos motivos que na verdade descreviam a biografia do fundador de uma religião indiana: sua origem real, o luxo desfrutado na infância distante dos problemas mundanos, o reconhecimento do sofrimento durante quatro excursões clandestinas para fora do palácio e, finalmente, em reação a esses insights, a renúncia dos bens mundanos pelo príncipe e sua ascese radical.

Conforme um artigo publicado pelo budista alemão Wolfgang Bohn (1920), há uma segunda história cristã inspirada pelo Budismo, isto é a lenda sobre o Santo Aléxis (século XIII). Porém, a argumentação de Bohn em favor da sua tese não corresponde ao rigor histórico e foi completamente negligenciada por outros participantes do debate.

Mais atenção foi dada à hipótese de que muitas das fábulas narradas no Ocidente seriam de origem asiática. Plange, até mesmo, negou qualquer criatividade própria dos ocidentais aos quais são tradicionalmente atribuídas as narrativas populares enfatizando "que Aesop e depois dele Babrius tinham apenas copiado fábulas hindus transmitidas via Pérsia, Síria e Egito." (PLANGE, 1906, p.17). A seguinte afirmação de Nyanasatta aponta para a mesma direção. As fábulas de Jean de La Fontaine "que possuem origens indianas foram traduzidas para todas as línguas. A maioria das fábulas e contos de Aesop, [...] são de origem budista e derivam, na verdade, dos Jatakas ou do Panchatantra. O mesmo vale para a maioria das fábulas de Gesta Romanorum, Boecaccio, Straparola, portanto a maioria das fábulas e contos de fada da Europa tem suas origens na Índia o que prova que as histórias budistas de Jataka eram, até mesmo, apreciadas no Ocidente". (NYANASATTA, 1967, p.75).

Entre os diversos budistas alemães que defenderam a mesma hipótese encontrava-se Karl Seidenstücker que se pronunciou de seguinte maneira sobre o

assunto: durante uma conversa com um sacerdote cristão o teólogo tinha chamou a atenção de Seidenstücker para “uma antiga lenda cristã da qual se ganha a impressão que desde a Antigüidade tem se atribuído ao Salvador uma simpatia doce para com os animais”. (SEIDENSTÜCKER, 1906b, p.457).

Conforme essa lenda Jesus não sentiu repugnância diante de um cachorro morto em um estádio avançado de decomposição. Pelo contrário, elogiou a beleza dos dentes brancos do cadáver. Todavia, logo depois da conversa com o teólogo, Seidenstücker, que traduzia sutras de pali para o alemão, encontrou a mesma lenda em uma escritura budista que, devido à época em que foi escrita, deve ter servido como modelo para a história narrada em ambientes cristãos. Mais adiante, Seidenstücker (1906a; 1906b) chamou atenção para uma história na qual é contada que Jesus ajudou um burro maltratado ao advertir o atormentador do animal e suspeitou que esta antiga lenda cristã também tivesse sua origem em um modelo budista.

A dependência da narrativa cristã de fontes budistas ainda não é totalmente comprovada, motivo pelo qual Seidenstücker pretendia dar continuidade a seus respectivos estudos. Essas pesquisas não se restringiram a lendas do tipo citado, mas abrangeram um espectro mais amplo, incluindo a questão da influência budista sobre um ou outro conto de fadas dos irmãos Grimm, especialmente sobre a história de um rei que visita todos os pastores do seu reino para confrontá-los com determinadas perguntas. Segundo Seidestücker (1906), em uma cena o rei quer saber de um pastor, de quantos segundos a eternidade é constituída. Como se fosse um sábio, o pastor responde com a mesma parábola narrada em um texto budista.

Enquanto Seidenstücker se contentava com alusões e comentários curtos sem que eles tivessem provocado reações de outros participantes no debate sobre possíveis empréstimos do Budismo para a tradição ocidental, outro assunto despertou o interesse acadêmico mais geral em um momento relativamente tardio do debate. Trata-se da pergunta sobre as influências indianas sobre o chamado

Physiologus, isto é, um tratado sobre zoologia cristã e o simbolismos de animais, compilado na Alexandria no decorrer do século II. No âmbito do debate sobre o possível “plágio”, a obra chamou particularmente a atenção de Garbe que considerou uma dependência do texto de narrativas orientais como muito provável, não apenas de fontes budistas, mas também de textos hindus, especialmente do Atharvaveda. Conforme o autor:

Os empréstimos oriundos da Índia encontrados no *Physiologus* [...], são de grande importância. O *Physiologus* surgiu na mesma época e nos mesmos círculos espirituais que o Evangelho de João. É bem provável que o último seja também inspirado por elementos indianos. Essa influência de narrativas indianas sobre o *Physiologus* sensibiliza para a probabilidade “que elementos budistas tenham sido incorporados em escrituras do Novo Testamento”. (GARBE, 1914, p.67).

Todavia, a negação anterior dessa hipótese por Clemen (1909, p.53) exemplifica o grau da divergência entre os autores que se engajaram em discussões afins na fase final do debate.

Vale lembrar que a discussão sobre supostos empréstimos culturais ultrapassou o debate sobre uma possível dependência de textos bíblicos e narrativas ocidentais tradicionais. Referiu-se também a obras de arte visual, detalhes como o de símbolo dos peixes ou determinados ritos sobre os quais Carl Schweitzer afirmou em 1903:

Lê-se e ouve-se freqüentemente que o Catolicismo emprestou do Budismo itens como rosários, imagens de santos, relíquias, precessões, ladainhas, cultos aos ancestrais e paramentos. É a verdade, todas essas instituições encontram-se no Lamaísmo, ou seja, em uma corrente do Budismo típico para os tibetanos. (SCHWEITZER, 1903, p.17).

5.3 Hipóteses sobre o papel e o status de Jesus

Em 1868 o francês Jacolliot publicou a obra “La Bible dans l’inde”. Dois anos mais tarde o livro foi traduzido para o inglês. A obra parte da idéia de que

Cristo estudou dos 12 aos 30 anos de idade no Egito e na Índia, sob a autoridade de um monge budista e alcançou o status de um Arhat, ou seja, de um santo budista. Depois voltou para terra natal para pregar uma religião de salvação enriquecida por elementos doutrinários judaicos. (GÖTZ, 1912, p.75).

Posterior à publicação da obra polêmica de Jacolliot, o autor russo Nicloas Notowitch lançou outro livro provocante devido a sua hipótese de que Jesus teria sido pessoalmente responsável pelo transporte de conteúdos indianos para a Palestina. A obra de Notowitch surgiu originalmente em francês (1887). Mas o trabalho foi trazido para várias outras línguas o que contribui consideravelmente para sua disseminação internacional, fato que levou Paul Carus em 1895 ao comentário: “A sensação que o livro naturalmente causou, fez com que ele seja conhecido no mundo inteiro civilizado.” (CARUS, 1895, p.116).

O livro de Notovitch confrontou seus leitores com resultados curiosos de uma viagem de autor pela Ásia, inclusive para o mosteiro budista Hemis, localizado em Ladakh, província no Himalaia, hoje pertencente ao Estado indiano de Jammu e Caxemira. Conforme Notovitch, naquele mosteiro ele mesmo descobriu antigos manuscritos aos quais teve acesso na íntegra, graças à minuciosa tradução de um monge local. Conforme a leitura do monge, Notowitsch alegou que os registros completariam as informações sobre a vida de Jesus negligenciada pela Bíblia. Quando tinha 12, conforme o relato fantástico do autor, Jesus associou-se a comerciantes e os acompanhou em uma viagem para Índia com a intenção “de se aperfeiçoar de acordo com as palavras divinas e pesquisar os preceitos do Grande Buda”. (NOTOVITCH,1893, p.104).

Na Índia, teve primeiramente contato com jainistas. Depois, por um período de seis anos juntou-se aos brâmanes estudando com eles os vedas e desenvolvendo a faculdade “de curar através de orações, de viver de acordo com a escritura

sagrada, de pregá-la para o povo, de exorcizar o espírito diabólico do corpo de uma pessoa para que ele se recupere completamente”. (NOTOVITCH, 1893, p.105).

Na última fase da sua estadia e de acordo com a ética do Evangelho, Jesus se revoltou contra a injustiça social do sistema de castas e contra a idolatria, uma luta que finalmente o levou a fugir para a região do nascimento “do grande Buda Çakya-Muni [sic!]” (NOTOVITCH, 1893, p.109) com o objetivo de aprender a ler e interpretar os textos em pali. Segundo o manuscrito “descoberto” em Hemis, Jesus voltou para Palestina onde ganhou rapidamente fama como crítico das circunstâncias sociais e teve como consequência que “nos países ao redor” repercutiram os “ecos dos sermões de Issa [= Jesus].” (NOTOVITCH, 1893, p.114).

Apesar do caráter “fabuloso” da história “re”-construída” por Notovitch, diversos especialistas da área, inclusive Max Müller (1894), suspenderam suas dúvidas sobre as aventuras de “Issa” procurando por indícios capazes de falsificar ou verificar o relato de autor russo. O pesquisador mais consequente nesse sentido foi Archibald J. Douglas (1896) que se dirigiu pessoalmente para o mosteiro de Hemis onde chegou à conclusão que o livro de Notowitch não passava de uma ficção.

Enquanto a tese de que Jesus teria sido pessoalmente responsável pela transmissão das idéias indianas tornou-se rapidamente obsoleta, outra suposição – apesar de ter sido também classificada como “fantasiosa” por parte de pesquisadores - mostrou-se mais resistente. Tratava-se da dupla afirmação de que a) entre os essênios o Cristianismo primitivo haveria uma relação histórica e afinidade íntima espiritual e b) que os essênios teriam sido fortemente influenciado por idéias e práticas budistas.

A última hipótese encontra-se de maneira elaborada, por exemplo, no famoso “catecismo budista” do teósofo Henry Steele Olcott, uma publicação composta por perguntas e respostas sobre diversos aspectos do Budismo. Uma das perguntas é: “Através de quais irmandades religiosas ocidentais o Buda-Dharma se

confundiu com o mundo espiritual ocidental?” O leitor propriamente preparado responderia: “Através das seitas dos terapeutas egípcios e dos essênios da Palestina.” (OLCOTT, 1902, p.90) .

Semelhantemente, Wolfgang Bohn, cuja preferência pelo Budismo já foi mencionada mais acima, salientou que muitos cientistas viam Jesus como representante dos essênios. Uma vez que os últimos seguiam princípios como o celibato, renúncia às bebidas alcoólicas, pacifismo e o noviciado diversas convergências com o Budismo seriam evidentes.

Pode-se dizer em geral, que o desprezo a bens mundanos, o respeito a todas as formas de vida e a abstenção ao álcool sempre indica que a comunidade em questão deriva do Budismo ou – menos provavelmente – do Jainismo. Uma ascese deste tipo é totalmente oposta tanto ao Helenismo quanto ao Judaísmo. (BOHN, 1919, p.98).

A opinião mais radical à questão de uma possível socialização de Jesus pelos essênios foi defendida por Dwight Goddard (1927). Para o autor norte-americano não havia dúvida que o Budismo tenha exercido um forte impacto sobre o Pitagorismo e o Estoicismo, sobre a literatura hermética e cabalística bem como os terapeutas de Alexandria. Seguindo Goddard: “A mesma influência pode ser identificada na comunidade celibatária dos essênios no vale de Jordão pelo qual percorreu a grande rota comercial da Índia para Pérsia e Egito.” (GODDARD, 1927, p.90).

Tais essênios existiram como comunidade separada até cerca de 40 d.C. e foram depois gradativamente absorvidos pelo círculo de discípulos de João Batista e do movimento de Jesus. Enfatiza Goddard: “Foi nessa comunidade dos essênios em que os fundadores do Cristianismo, ou seja, João Batista e Jesus cresceram.” (GODDARD, 1927, p.115).

Para o autor há diversos indícios – como a orientação celibatária e a prática de se retirar temporariamente para a solidão – que apoiam a hipótese de que Jesus era um essênio. Conforme a argumentação de Goddard, a ruptura posterior com o grupo se explicaria por traços patológicos na personalidade de Jesus culminado

com a fantasia de que ele seria o messias, expressão de uma instabilidade mental causada por sua infância complicada.

Devido a todos esses “fatos”, na visão distorcida de Goddard “é garantido que Jesus viveu por um determinado tempo entre os essênios e sem dúvida foi essa vida isolada e sossegada junto com essa irmandade bondosa que o protegeu da insanidade”. (GODDARD, 1927, p.167).

Finalmente, porém, Goddard encerra sua história bizarra, a manifestação doentia de Jesus prevaleceu e ele se identificou com o Filho de Deus. Devido a esses transtornos, Jesus nunca chegou a ser um mestre igual ao grande Buda. Não obstante, sua vida e morte não foram completamente inúteis, uma vez que “seu espírito de amor altruísta e sua submissão ao seu destino é ainda uma esperança para o mundo.” (GODDARD, 1927, p.163).

5.4 A discussão sobre transferências culturais através de contatos comerciais, expansões bélicas e missões budistas

Um amplo espaço adotou a pergunta referente aos caminhos de contato entre o Ocidente e o Oriente nos tempos antes de Cristo como pré-requisito para qualquer intercâmbio entre as respectivas culturas. Trabalhos dedicados a respostas a essa questão tiveram que levar em consideração uma série de dados históricos diferenciados e complexos. Entre os aspectos relacionados ao debate sobre a influência do Budismo sobre o Cristianismo, destacaram-se os seguintes:

Houve especulações que as viagens de uma delegação do rei Salomão a Ofir, mencionada na Bíblia (II Crônicas 8:18), referiam-se a expedições comerciais no decorrer do século X a.C. entre Palestina e Índia e Ofir seria o nome de um lugar localizado no litoral do subcontinente. Quem defendeu essa hipótese chamou atenção para o fato de que no referente contexto bíblico encontram-se alusões a itens como sândalo, marfim, macacos e pavões, portanto a produtos que na época

os povos ocidentais importavam com frequência da Índia. A concordância com essa ideia, porém, não sustentava automaticamente o postulado de uma dependência do Cristianismo do Budismo o que exemplifica a inclinação de Faber para assumir uma relação inversa. Segundo Faber, “esse caso segue o mesmo padrão como todos os outros nos tempos antigos até o primeiro século depois de Cristo, isto é: onde os tráfegos comerciais [...] deixaram suas marcas, a Índia sempre desempenhou o papel do receptor”. (FABER, 1913, p.12-13).

A opinião de Faber estava em oposição à de Garbe que lembrou seus leitores da “mania peculiar por artigos de luxo da Índia” característica para o Império Romano no início do século I d.C. Além disso, enfatizou que muito provavelmente a rota náutica entre o subcontinente e o litoral leste mediterrâneo estabelecida desde o século VI a.C. tenha oferecido inúmeras ocasiões para um intercâmbio mútuo entre o Ocidente e o Oriente. (GARBE, 1914, p.29).

5.5 A instrumentalização do debate pelos budistas convertidos

Já foi mencionado que a discussão acadêmica sobre supostos paralelos budista-cristãos não se limitou a um discurso meramente científico, mas acabou repercutindo fora das universidades, inclusive em dois campos antagônicos, ou seja, tanto em círculos budistas quanto entre cristãos.

O conflito de opiniões se intensificou pelo fato de que o período principal do debate coincidia com o estabelecimento de um movimento budista composto por alemães que recentemente tinham se convertido a essa religião. Uma das expressões desse novo fenômeno foi o lançamento do “Buddhistischer Katechismus” (“Catecismo Budista”) em 1888, isto é, seis anos depois da publicação da obra “Das Evangelium Jesu in seinen Verhältnissen zur Buddha-Sage und Buddha-Lehre” de Rudolf Seydel que tinha dado início ao debate acadêmico sobre a possível dependência de partes do Cristianismo de fontes budistas. O autor do “Catecismo” era Friedrich Zimmermann, que se escondeu sob o pseudônimo Subhadra Bikshu (Monge Subhadra) e cuja obra pioneira foi retrospectivamente

avaliada como um “Documento do início da institucionalização” do Budismo alemão. Os integrantes da primeira geração dos convertidos compartilhavam um profundo interesse no cânone pali, escritura mais antiga do Budismo. Alguns dos mais eruditos representantes do Budismo alemão destacavam-se, até mesmo, como tradutores desses textos frequentemente encontrando passos que supostamente tinham inspirado trechos do Novo Testamento. Uma das motivações de chamar a atenção pública para as convergências entre o Budismo e o Cristianismo, era a necessidade de compensar ideologicamente sua pertença a uma minoria religiosa. Nesse espírito sugeria-se a um ambiente majoritariamente cristão que o Budismo seria a religião não apenas mais velha, mas também superior, por ter servido como modelo para o Cristianismo. Conforme Nyanasatta (1967, p.81) a atitude hostil diante do Cristianismo nas décadas por volta da virada do século XIX para o século XX era uma peculiaridade alemã quanto a sua intensidade, incomparável com a situação em outros países ocidentais.

Theodor Schultze (apud Kappstein, 1906, p.121-122), por exemplo, justificou sua paixão pelo Budismo através de uma crítica explícita ao Cristianismo. Consciente da necessidade de um revigoramento da consciência religiosa coletiva dos Europeus declarou-se contra qualquer iniciativa de resgatar conteúdos e valores cristãos. Em vez disso, argumentou em favor de um caminho completamente novo, isto é, uma reorientação no Budismo.

Menos radical, porém apontando para a mesma direção, leem-se os trechos de uma apreciação do livro "Buddhist and Christian Gospels" de Albert J. Edmunds (1905) resenhado por Karl Seidenstücker, um dos mais acentuados protagonistas do Budismo alemão da época. A seguinte citação é sintomática para a euforia com a qual Seidenstücker recebeu a obra de Edmunds: “Publicações como essa servem em primeiro lugar para combater a prepotência de muitos cristãos e sua convicção que a única religião que salve é a sua”. (Seidenstücker, 1905, p.39)

5.6 As implicações do debate para o Cristianismo

A popularidade do debate foi causada por uma série de razões. Uma das mais importantes tinha a ver com as mudanças radicais em várias esferas da vida e os desafios que essas transformações significavam para o campo de religião. Conforme Martin Greschat, esse cenário ainda aguarda uma análise detalhada, uma vez que não apenas falta “uma teoria consensual da mudança social na modernidade”, mas também “uma teoria da relação do Cristianismo e da Modernidade” capaz de explicar satisfatoriamente a relação entre o segmento da religião e os outros subsistemas sociais. (GRESCHAT, 1980, p.9). Todavia, sabe-se muito bem quais foram os fatores responsáveis tanto pelo afastamento de uma parte considerável da população alemã da Igreja quanto por uma busca intensificada para orientações religiosas alternativas. Trata-se de uma dinâmica intimamente relacionada ao processo de industrialização e seu impacto sobre a naturalidade com a qual até então o Cristianismo tinha sido inquestionavelmente transmitido de geração para geração. O triunfo das ciências exatas, a urbanização, o primado da tecnologia no setor da produção, a ascensão da democracia social como ideologia política e uma série de outros aspectos contribuíram para o enfraquecimento de um senso comum até então fortemente influenciado pelo pensamento religioso no sentido convencional.

Diversas publicações teológicas refletiam os processos sociais acima mencionados e se dedicavam a resgatar valores e princípios religiosos tradicionais ameaçados de cair no esquecimento de uma parte significativa da população.

A apologia do Cristianismo para o qual Christoph Ernst Luthardt se sentiu incentivado viu ideologias como nacionalismo, panteísmo, materialismo e pessimismo em oposição imediata à fé cristã, advertindo:

Nossa vida nacional está em uma crise séria. Para mim, e graças a Deus, para muitos dos meus companheiros, é absolutamente claro que um julgamento verdadeiro das coisas, inclusive as mundanas, só é possível conforme o pensamento cristão que também possui o poder de cura dos seus males e garante o futuro do nosso povo. (LUTHARDT, 1880, p.vi).

Em um tom semelhante Emil Pfenningsdorf escreveu no prefácio ao seu livro "Christus im modernen Geistesleben" ["Cristo na vida espiritual moderna"] publicado um pouco antes de virada do século:

As teorias contemporâneas de filosofia da religião, ciências naturais, filosóficas, éticas e estéticas serão submetidas à luz da fé do Evangelho e em todas essas áreas Cristo será identificado como guia seguro pelo labirinto do pensamento moderno. Esta introdução cristã ao mundo espiritual da contemporaneidade parece-me ser uma necessidade urgente dos nossos tempos e capaz de proteger qualquer cristão contra as influências anticristãs. (PFENNINGSDORF, 1899, p.v).

Outras publicações teológicas abordaram a então situação do Cristianismo de maneira mais detalhada do que os dois livros acima citados. Apesar de focos diferentes, os respectivos autores compartilhavam a mesma preocupação com a perda da relevância de ensinamentos bíblicos. Isso já é indicado pelos títulos como "Der biblische Schöpfungsbericht im Lichte der Naturwissenschaft" ["O relatório bíblico de criação à luz das ciências exatas"], (BRUNING, 1899) "Alte und neue Angriffe auf das Alte Testament" ["Novos e velhos ataques ao Antigo Testamento"] (NIKEL, 1908) ou "Der Vernichtungskampf gegen das biblische Christusbild" ["A luta destrutiva contra a imagem bíblica de Cristo"] (ROHR, 1908).

Foram inquietações desse tipo que sensibilizaram autores cristãos para o potencial ameaçador da hipótese de que partes da Bíblia foram copiadas de fontes budistas. Nesse sentido alarmado, Kappstein afirmou: "Tal paralelo histórico-religioso prejudica irreparavelmente o conceito da Igreja de revelação – para não falar sobre o antigo dogma de inspiração - passa por esse paralelo histórico-religioso na ruptura." (KAPPSTEIN, 1906, p.2).

Em palavras semelhantes, Kaftan alertou: O Cristianismo não está no mesmo patamar com as outras religiões. É preciso preservar seu caráter absoluto. Caso contrário, ele perde seu sentido. (KAFTAN, 1903, p.6).

Preocupações desse tipo foram especialmente alimentadas pelas publicações referentes à hipótese de uma dependência de elementos cristãos do Budismo. Um

exemplo é a seguinte citação “Com ênfase prega-se o mundo: ‘Tudo o que é grandioso e bom no Cristianismo, encontra-se também no Budismo, mas na luta espiritual final o Budismo triunfará, porque o Cristianismo é dependente do Budismo’”. (SCHWEITZER, 1903, p.7-8).

Conclusão

Comparado com a energia investida nas primeiras décadas em busca para respostas a perguntas relacionadas à hipótese de uma suposta dependência do Cristianismo do Budismo, o assunto começou a cair quase completamente no esquecimento depois da primeira Guerra Mundial. Esse declínio não se explica suficientemente pelo argumento de que depois de discussões extensas o tema foi intelectualmente esgotado, todas as informações necessárias foram trocadas e não restava nada para acrescentar. Em vez disso, tem-se que levar dois outros fatores em consideração. Trata-se de dois movimentos intelectuais “tradicionais” e até hoje sensíveis no âmbito da Ciência da Religião.

A primeira tendência responsável pela perda de força do debate sobre a possível “inspiração” do Cristianismo pelo Budismo é um indicador do reconhecimento subsequente do papel fundamental da história e da filologia para um estudo *empírico-cultural* da religião. Rudolf Seydel contentava-se ainda com conclusões precoces e ingênuas tomadas diante de observações relativamente espontâneas de analogias em textos aleatoriamente selecionados oriundos de tradições religiosas diferentes. A falta de aspirações teóricas profundas em relação ao seu objeto e o tratamento a-histórico dos seus descobrimentos levaram o professor de Leipzig a um levantamento de um número considerável de analogias entre escrituras budistas e cristãs. Richard Garbe, que entrou no debate 32 anos depois do lançamento do primeiro livro de Rudolf Seydel, lançou seus argumentos em uma situação diferente. Argumentou contra a tendência inflacionária da discussão e à ideia de que o Budismo como religião mais antiga do que o

Cristianismo seria automaticamente a fonte original de paralelos textuais. Esta postura crítica reflete um saber científico avançado e uma preocupação metodológica com a singularidade das religiões não encontrada em publicações de autores como Seydel.

A segunda razão da crescente irrelevância de tópicos afins tem a ver com a ascensão da fenomenologia clássica da religião no âmbito da Ciência da Religião, portanto de um paradigma em tensão ou até mesmo, em oposição a uma abordagem estritamente histórico-empírica. Pesquisadores da geração de Max Müller (1823 -1900) destacavam-se por uma comparação minuciosa de dados detalhados em prol de criação de genealogias e famílias de religiões segundo os modelos da linguística comparada. No início do século XX, o foco em fatos empíricos perdeu sua força diante das pretensões da fenomenologia clássica da religião incentivada pela hipótese de que as religiões concretas eram articulações particulares do *sagrado* universal, ou seja, variações idênticas do mesmo fenômeno “primordial”. A convicção da identidade essencial de todas as religiões refletiu-se na valorização de uma aproximação intuitiva à camada mais sutil *da religião* (singular!) idealizada em desfavor de um interesse nas manifestações do mundo múltiplo *das religiões* históricas (plural!) e as convergências e divergências empíricas entre elas.

Concluindo: a “polêmica sobre o plágio” é hoje obsoleta em termos dos seus axiomas e resultados propriamente ditos. Do ponto de vista da história da Ciência da Religião, porém, o debate não perdeu sua relevância. Pelo contrário. É especificamente o fato de que a discussão foi gradativamente abandonada que a torna interessante para a pesquisa comprometida com a reconstrução da situação intelectual constitutiva para o rumo de uma disciplina recém-institucionalizada.

REFERÊNCIAS

ALMOND, P.C. The Buddha in the West. From Myth to History. **Religion**, San Diego, CA, v. 16, p. 305-322, 1986.

AUFHAUSER, J. B. **Buddha und Jesus in ihren Paralleltexen**. Bonn: Marcus & Weber, 1926.

BENZ, E. **Indische Einflüsse auf die frühchristliche Theologie**. Mainz: F.Steiner, 1951.

BOHN, W. Der Buddhismus in den Ländern des Westens (1.Fortsetzung), **Buddhistischer Weltspiegel**. Monatsschrift für Buddhismus und religiöse Kultur auf buddhistischer Grundlage, Leipzig, n. 2-3, p. 97-104, ago./set. 1919.

BOHN, W. Der Buddhismus in den Ländern des Westens, 4.Fortsetzung, **Buddhistischer Weltspiegel**. Monatsschrift für Buddhismus und religiöse Kultur auf buddhistischer Grundlage, Leipzig, n. 9-10, p.356-366, mar./abr. 1920.

BORGES, Paulo. A vida do honrado infante Josaphate ou de como a cristianização do Buda semeia a vacuidade na cultura ocidental e portuguesa. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, Lisboa, v. 6, n. 11, p. 67-82, 2007.

BRÜNING. Der biblische Schöpfungsbericht im Lichte der Naturwissenschaft. **Der Beweis des Glaubens. Monatsschrift zur Begründung und Vertheidigung der christlichen Wahrheit für Gebildete**, Neue Folge, n.20, p.62-77, 1899.

BUDDHA oder Christus. **Der Beweis des Glaubens**. Germany, v. 24, p. 403-403, 1901.

BUNSEN, Ernst v. **The Angel Messiah of Buddhists, Essenes and Christians**. London: Longmans & Green, 1880.

CARUS, P. The Life of Issa. **The Monist**, Chicago, v. 5, issue 1, p. 116-119, 1895.

CLEMEN, C.: **Religionsgeschichtliche Erklärung des Neuen Testaments**. Die Abhängigkeit des ältesten Christentums von nicht-jüdischen Religionen und philosophischen Systemen. Giessen: A. Töpelmann, 1909.

DELITZSCH, F. **Babel und Bibel**: Ein Vortrag. Leipzig: Hinrichs, 1902.

DELITZSCH, F. **Zweiter Vortrag über Babel und Bibel**. Stuttgart: Deutscher Verlag, 1903.

DOUGLAS, J. Archibald. The chief lama of Himis on the alleged 'unknown life of Christ'. **The Nineteenth Century**, London, v. 39, p. 667-677, 1896.

EBACH, J. Babel und Bibel oder: Das "Heidnische" im Alten Testament. In: FABER, R.; SCHLESIER, R. (Org.). **Die Restauration der Götter**. Antike Religion und Neo-Paganismus. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1986. p. 26-44.

EYSINGA, G.A. v. d. Bergh van. **Indische Einflüsse auf evangelische Erzählungen.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1904.

FABER, G. **Buddhistische und Neutestamentliche Erzählungen:** Das Problem ihrer gegenseitigen Beeinflussung. Leipzig: Hirschfeld, 1913.

GARBE, R. **Indien und das Christentum:** Eine Untersuchung der religionsgeschichtlichen Zusammenhänge. Tübingen: Mohr-Siebeck, 1914.

GODDARD, D. **Was Jesus Influenced by Buddhism?** A Comparative Study of the Lives and Thoughts of Gautama and Jesus. Thetford: Authors Edition, 1927.

GÖTZ, A. Indische Einflüsse auf Evangelische Erzählungen. Eine kritische Untersuchung, Der Katholik. Zeitschrift für katholische Wissenschaft und kirchliches. **Leben, Teil 1**, Kirchheim, n. 92, p. 73-96, 1912.

GRESCHAT, M. **Das Zeitalter der Industriellen Revolution.** Stuttgart: Kohlhammer, 1980.

HAAS, H. **Bibliographie zur Frage nach den Wechselbeziehungen zwischen Buddhismus und Christentum.** Leipzig: J.C.Hinrichs, 1922.

HAAS, H. **'Das Scherflein der Witwe' und seine Entsprechung im Tripitaka.** Leipzig: Hinrich, 1922.

HALBFASS, W. Kulturbeziehungen Indiens. Beziehungen zum Westen. In: BECHERT, H.; SIMSON, G.v. (Org.). **Einführung in die Indologie:** Stand, Methoden, Aufgaben, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1979. p .248-255.

HELD, H.L. **Deutsche Bibliographie des Buddhismus.** Leipzig: München, 1916.

HORNBURG, J. **Bibel und Babel. Zwei Vorträge.** Potsdam: Stiftungsverlag 1903.

ITTEL, G.W. **Urchristentum und Fremdreigionen im Urteil der religionsgeschichtlichen Schule.** 1959. 116f. Tese (Doutorado em História) Universidade de Erlangen, Erlangen, Alemanha.

JACOLLIOT, L. **La Bible dans l'inde. vie de Iezeus Christna.** Paris: A.Lacroix, 1868.

ITTEL, G.W. **The Bible in India:** Hindoo origin of Hebrew and Christian Revelation. London: J.C.Hotten, 1870.

KAFTAN, D. **Das Christentum und die indischen Erlösungsreligionen.** Vortrag gehalten auf der Kirchlichen Konferenz der Kurmark am 11.Mai 1903. Potsdam: Stiftungsverlag, 1903.

KAPPSTEIN, Th. **Buddha und Christus. Religionsgeschichtliche Parallelen.** Berlin: Hüpeden & Merzyn, 1906.

KLATT, N. **Literarkritische Beiträge zum Problem christlich-buddhistischer Parallelen.** Köln: Brill, 1982.

KOHL, K.H. Geschichte der Religionswissenschaft. In: CANCIK, H. et.alii (Org.). **Handbuch religionswissenschaftlicher Grundbegriffe.** Stuttgart: Kohlhammer, 1988. p.218-271. v.1.

KÖPPEN, Carl Friedrich. **Die religion des Buddha und ihre Entstehung.** Berlin: Schneider, 1857/1859. 2v.

KUPISCH, K. **Kirchengeschichte, Das Zeitalter der Revolutionen und Weltkriege.** Stuttgart: Kohlhammer, 1982. v. 5.

LEHMANN, E. **Der Buddhismus als indische Sekte als Weltreligion.** Tübingen: Mohr, 1911.

LUTHARDT, Ch.E. **Die modernen Weltanschauungen und ihre praktischen Konsequenzen.** Vorträge über Fragen der Gegenwart aus Kirche, Schule, Staat und Gesellschaft im Winter 1880 zu Leipzig gehalten. Leipzig: Dörffling & Franke, 1880.

MÜLLER, M. The Alleged Sojourn of Christ in India, **Nineteenth Century**, London, v. 36, p. 515-522, 1894.

NIKEL, J. **Alte und neue Angriffe auf das Alte Testament.** Ein Rückblick und Ausblick. Münster: Aschendorf, 1908.

NOTOVITCH, N. **Die Lücke im Leben Jesu.** Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1893.

NYANASATTA, C.T. Buddhism in the West. **The Maha Bodhi**, Calcutta, v. 75, p. 74-82 e p. 105-110, 1967.

OLCOTT, H.S. **Der Buddhistische Katechismus.** Leipzig: Grieben, 1902.

PFENNIGSDORF, E. **Christus im modernen Geistesleben. Christliche Einführung in die Geisteswelt der Gegenwart:** Der gebildeten evangelischen Jugend und ihren Freunden dargeboten. Dessau: Evangelisches Vereinshaus, 1899.

PLANGE, Th.J. **Christus - ein Inder?** Versuch einer Entstehungsgeschichte des Christentums unter Benutzung der indischen Studien Louis Jaccolliots. Stuttgart: Hermann Schmidt, 1906.

ROHR, I. **Der Vernichtungskampf gegen das biblische Christusbild.** Münster: Aschendorf, 1908.

SCHNÄDELBACH, H. **Philosophie in Deutschland. 1831-1933.** Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1983.

SCHNEEMELCHER, W. **Neutestamentliche Apokryphen.** Bd.1, Tübingen: Mohr, 1990.

SCHOMERUS, H.W. Andere außerchristliche Religionen. In: SCHWEITZER, C.: **Das religiöse Deutschland der Gegenwart. Ein Handbuch für Jedermann.** Berlin: Hochweg, 1932. p .337-365. v. 1.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Die beiden Grundprobleme der Ethik:** Behandelt in zwei akademische Preisschriften [1840]. Zürich: Diogenes, 2007.

SCHWEITZER, C. **Buddhismus und Christentum.** Stuttgart: Deitz, 1903.

SEIDENSTÜCKER, K. Buddhist and Christian Gospels. Now First Compared from the Originals, by Albert J.Edmunds. **Die buddhistische Welt,** Leipzig, n. 1, p. 39, 1905.

SEIDENSTÜCKER, K. Der buddhistische Ursprung einer christlichen Legende. **Der Buddhist,** Leipzig, v. 2, p. 456-458, out./dez. 1906.

SEIDENSTÜCKER, K. Der buddhistische Ursprung einer deutschen (?) Legende. **Der Buddhist,** Leipzig, v. 2, p. 458-464, 1906.

SEIDENSTÜCKER, K. Der Buddhismus in den Ländern des Westens. **Buddhistischer Weltspiegel,** Leipzig, v.1, p.125, 1919.

SEYDEL, R. **Das Evangelium Jesu in seinen Verhältnissen zur Buddha-Sage und Buddha-Lehre - mit fortlaufender Rücksicht auf andere Religionskreise untersucht.** Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1882.

SEYDEL, R. **Die Buddha-Legende und das Leben Jesu nach den Evangelien. Erneute Prüfung ihres gegenseitigen Verhältnisses.** Leipzig: O. Schulze, 1884.

SUBHADRA BIKSCHU. **Buddhistischen Katechismus. Einführung in die Lehre des Buddha Gáutama.** Braunschweig: Schwetschke & Sohn, 1888.